

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA SOCIOLÓGICA DE MAX WEBER PARA EDUCAÇÃO

Guilherme Costa Garcia Tommaselli¹
Luis Paulo Santos Bezerra²

Introdução

Este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre a educação tendo como referência teórica a obra do sociólogo alemão Max Weber. Para realizar essa reflexão levaremos em consideração os diversos aspectos da obra do autor que mantém relação com a educação, porém, a ênfase central desse trabalho será sobre o conceito de *desencantamento do mundo*, e a sua relação com a educação.

É importante deixar claro que a obra de Max Weber é muito rica e complexa, sendo assim, utilizaremos alguns conceitos fundamentais do autor, porém, devido à complexidade de sua obra sociológica não é possível apreender a totalidade de seus conceitos, e deste modo, esse artigo contém limitações teóricas em relação ao autor.

Sendo assim, para o desenvolvimento do trabalho essa reflexão terá início a partir de uma contextualização histórica do autor. Após esse primeiro momento, será desenvolvida uma reflexão sobre a teoria sociológica da religião desenvolvida por Weber, tendo como referência básica o livro *“A ética protestante e o espírito do capitalismo”*. Em seguida, os conceitos de racionalização e burocratização serão desenvolvidos visando estabelecer relação com o conceito de *“desencantamento do mundo”*. E por fim, procuraremos estabelecer uma relação entre os conceitos desenvolvidos e a educação na modernidade.

Contexto Histórico

Durante o início do desenvolvimento da idade moderna a corrente de pensamento predominante era aquela que enfatiza a importância do progresso e que acredita na razão humana como fator chave para compreensão da realidade e, por sua

¹ TOMMASELLI, Guilherme Costa Garcia. Professor de Sociologia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS). Aluno regular do programa de pós-graduação em Educação, da FFC (Faculdade de Filosofia e Ciências) UNESP de Marília.

² BEZERRA, Luis Paulo Santos. Aluno regular do curso de Ciências Sociais da FFC (Faculdade de Filosofia e Ciências) UNESP de Marília.

vez, essa compreensão só seria possível através do uso absoluta da razão humana como ferramenta para o desenvolvimento de leis naturais. Essa corrente teórica ficou conhecida como positivismo.

O positivismo é herdeiro da tradição empírica inglesa, que pode ser percebida na figura de dois pensadores centrais dessa tradição: Francis Bacon e David Hume. Fruto dessa tendência metodológica de abordagem dos fatos humanos utilizada pelos empiristas surgem duas figuras centrais: Augusto Comte e Émile Durkheim.

É importante lembrar, que a sociologia surgiu como uma ciência positiva, através de August Comte, demonstrando sua preocupação com aspectos empíricos e com a formulação de leis e hipóteses gerais para explicar os fenômenos que estudam.

As ciências naturais se caracterizam como um conjunto de princípios abstratos, que formulam leis e hipóteses para explicação causal dos fenômenos da natureza. Assim, a teoria seria entendida como uma hipótese a ser testada, através de experiências artificiais realizadas em laboratórios. Caso a hipótese não seja confirmada, a teoria deve ser reformulada ou as variáveis escolhidas para realizar a pesquisa devem ser revistas. Portanto nesse tipo de teoria, o cientista tem apenas o papel de observador.

Porém, o problema existente nesse caso é o fato de as ciências humanas em um âmbito geral, tentarem se afirmar enquanto ciência, utilizando como princípio o modelo desenvolvido pelas ciências naturais. Para que isso se tornasse possível foi necessária antes, a formulação de uma metodologia que superasse as diferenças substanciais entre as ciências humanas e naturais.

Nas ciências naturais o cientista tem o papel restrito de observador dos fenômenos naturais, e entende a natureza como objeto manipulável para a repetição das experiências, ou seja, ele pretende não fazer parte do seu próprio campo de pesquisa.

Por sua vez, nas ciências humanas, o pesquisador é parte constituinte do objeto a ser analisado. Esse fato gera um problema, já que, o pesquisador das ciências

humanas faz parte da sociedade que ele estuda. Desse modo, ele está suscetível aos seus juízos de valores, o que implicaria na perda de objetividade de sua pesquisa. Assim, a objetividade só poderia ser alcançada, caso o pesquisador não emitisse juízo de valores sobre o objeto por ele pesquisado.

Portanto, para solucionar esse problema foi necessária a elaboração de um método de análise dos fenômenos sociais que se preocupasse em não emitir esses valores, para se atingir um conhecimento objetivo do mundo social. Os valores, a moral, a ética, os princípios políticos e sociais, não possuem caráter científico, portanto, não podem participar do processo de conhecimento.

O cientista social pode até estudar o caráter dos valores sociais e sua participação na constituição dos fenômenos sociais, mas estes não podem compor sua pesquisa. Desse modo, os fenômenos sociais precisam ser entendidos como fatos, ou seja, eles podem ser decompostos e recompostos, e organizados a partir de uma determinada perspectiva.

Em contraposição ao modo de compreensão de ciência do positivismo, surgiu uma nova corrente de pesquisadores que se preocuparam em contrapor a razão científica pregada pelos positivistas à razão histórica, visto que, o processo histórico do qual todos humanos participam possui uma realidade complexa, múltipla, é uma experiência única, impossível de ser reproduzida em laboratório, portanto, é necessário que se desenvolva um novo tipo de análise, através de um novo método, e é nesse ponto que a razão histórica surge como contraponto a razão científica.

É nesse contexto histórico que o sociólogo alemão Max Weber surge como figura central, visto que, ele foi um dos responsáveis por esse novo momento da sociologia. Para Weber, o desenvolvimento da pesquisa sociológica passa necessariamente pela compreensão da ação do indivíduo. Essa é uma das inovações que este grande sociólogo realizou, visto que, até esse momento a sociologia era uma ciência que mantinha suas análises centradas nas instituições e grupos sociais.

É necessário, no entanto, ressaltar que em nenhum momento Weber deixou de dar importância aos fenômenos sociais, porém, seu foco era a compreensão das intenções e motivações dos indivíduos durante o desenvolvimento de sua vida social.

Para compreender o desenvolvimento da obra de Weber é fundamental compreender quais as suas influências teóricas. E nesse caso é notável a influência do também sociólogo alemão Karl Marx, e do filósofo alemão Nietzsche.

A influência de Marx pode ser percebida em um dos temas centrais da obra de Weber: a compreensão do fenômeno capitalista. Por sua vez, a influência de Nietzsche pode ser percebida na temática das relações de poder e sua relação com os valores humanos, e a influência dessas questões na compreensão da realidade social, política e econômica.

Portanto, podemos compreender a sociologia de Max Weber, como uma sociologia da subjetividade do indivíduo, onde suas ações individuais, ou seja, as ações do indivíduo enquanto humano são o objeto do conhecimento sociológico.

Deste modo, esse novo olhar sociológico desenvolvido por Weber, foi fundamental para o desenvolvimento da sociologia, em especial, no que diz respeito aos problemas metodológicos que essa ciência enfrentava até então. É nesse ponto que os estudos desenvolvidos por Weber a respeito da religião ganham importância como um novo olhar para essa questão, assim como, os seus estudos sobre a economia política.

A sociologia da religião de Max Weber: A ética protestante e o espírito do capitalismo

Para discutir a sociologia da religião desenvolvida por Max Weber, utilizaremos como referência básica uma de suas obras mais significativas que se tornou um clássico da sociologia: *“A ética protestante e o espírito do capitalismo”*.

Nesse livro, Weber, analisa as causas do surgimento do capitalismo, através de um estudo comparativo entre as diversas sociedades presentes no mundo ocidental e

as civilizações orientais, visto que, estas nesse momento histórico se organizavam de modo distinto do capitalismo que, por sua vez, era predominante, no mundo ocidental.

Weber em sua análise trabalha essa questão das diferenças entre o modo de organização da sociedade ocidental em relação à oriental, desenvolvendo uma análise que procura estabelecer uma relação causal entre a ética protestante e valorização dos bens materiais, aquilo que ele denomina de “*espírito do capitalismo*”.

O grande número de protestantes entre os empresários e trabalhadores com maior qualificação profissional em países capitalistas desenvolvidos foi um dos fatores que chamou a atenção do sociólogo para uma possível relação entre os valores próprios do capitalismo e os valores pregados pelos calvinistas.

Deste modo, Weber iniciou sua análise partindo de obras puritanas de autores calvinistas, buscando compreender quais eram os valores pregados nessas obras, isto é, qual era a ética protestante. Para tal, Weber, propôs uma diversidade de hipóteses que mantinham relação com o fato, procurando explicá-lo e, eliminando as hipóteses que não se relacionavam com o fato.

Assim, no final de sua investigação, Weber, chegou à conclusão de que os protestantes apresentavam uma notável tendência para aquilo que ele denominava de racionalismo econômico.

“chamaremos de ação econômica “capitalista” aquela que se basear na expectativa de lucro através da utilização das oportunidades de troca, isto é, nas possibilidades (formalmente) pacíficas de lucro. Em última análise, a apropriação (formal e atual) do lucro segue os seus preceitos específicos, e, (conquanto não se possa proibi-lo) não convém colocá-la na mesma categoria da ação orientada para a possibilidade de benefício na troca. Onde a apropriação capitalista é racionalmente efetuada, a ação correspondente é racionalmente calculada em termos de capital.” (WEBER, 1996, pág. 4)

Essa tendência aparecia na classe protestante, independente de sua posição na sociedade, isto é, seja como classe dirigente, ou enquanto classe dirigida, a tendência ao racionalismo econômico estava presente nos protestantes.

Segundo Weber (1996), a razão desse racionalismo econômico presente nos protestante poderia ser encontrada em suas crenças religiosas. Portanto, em sua análise o autor aponta o papel da crença protestante na constituição e solidificação do

sistema capitalista. Para tal, Weber analisa quais elementos da crença protestante contribuem para esse processo e ajudam na composição daquilo que ele denomina de “*espírito do capitalismo*”.

O “*espírito do capitalismo*” segundo Weber (1996), pode ser compreendido como um tipo específico de ética, onde o trabalho adquiriu um valor por si mesmo, e onde o trabalhador passa a viver em função de seu trabalho, e isto é o que lhe faz sentir-se bem, faz com que tenha a sensação de ter cumprido a sua parte. Essa ética se desenvolve devido aos valores pregados pela doutrina puritana, que condena o luxo, o ócio, ou seja, estimula o trabalho e a acumulação.

Portanto, para Weber, essa conduta protestante tem como efeito uma valorização social dos empresários que tinham baixo prestígio social segundo a ótica do catolicismo que condenava o lucro e ambição. Por sua vez, diante da ética protestante a figura do empresário, do capitalista, passa a ser vista de um modo positivo, já que, os protestantes viam com bons olhos a acumulação de capital.

Segundo Weber, as questões morais provenientes do protestantismo foram sendo assimiladas pelos indivíduos, e foi a partir desse processo que se desenvolveu a ética protestante, que valoriza o trabalho, contribuindo para o desenvolvimento do capitalismo.

O problema se torna mais grave, segundo Weber, pois, com o desenrolar desse processo o capitalismo ganhou autonomia da esfera religiosa. Portanto, o capitalismo contemporâneo, em seu estágio mais avançado já não necessitava mais do espírito religioso, pode-se dizer que ele próprio tornou-se uma “religião”, visto que, nesse novo momento a conduta capitalista, ou seja, a busca pelo progresso material desenvolveu uma relação direta com as paixões humanas mais “sórdidas”, indo, portanto, em direção ao caminho contrário daquilo que prega a religião protestante. Diante desse novo quadro o capitalismo avançado já não necessita do apoio da religião, ao contrário a presença e a influência da religião passam a ser prejudiciais ao sistema.

Para que não exista nenhum tipo de confusão, é importante deixar claro que de acordo com Weber, o surgimento do espírito capitalista não é uma consequência direta

da reforma protestante. Segundo o autor, sua análise traz a tona apenas algumas possibilidades de reflexão sobre a relação entre o protestantismo e o desenvolvimento do capitalismo.

Para Weber, a presença de outros fatores como a extrema racionalização a que se submeteu a religião, por exemplo, é um dos fatores que compõe esse quadro de desenvolvimento do capitalismo contemporâneo, visto que, esse processo de racionalização produz reflexos na concepção de mundo dos protestantes.

Diante desse quadro, para auxiliar os mais necessitados, os mágicos, os sacerdotes, despenham o papel de conselheiros sobre a vida, porém, esse tipo de conselheiro acaba produzindo um tipo de conduta religiosa messiânica, ou seja, desenvolve-se uma religiosidade que deposita na figura do salvador as possibilidades de salvação dos mais necessitados. Esse processo tem como consequência a produção de uma ideologia onde a desgraça pessoal passa ter um valor positivo.

Segundo weber, cada religião desenvolve uma ética específica, e por sua vez, essa influência diretamente as diversas esferas da vida e o tipo de punição que o infrator destas vai sofrer.

O desenvolvimento desse processo produz aquilo que o autor denomina de “*desencantamento do mundo*”, e assim impede a possibilidade da salvação através da fuga contemplativa. É nesse contexto que as religiões protestantes do ocidente favoreceram uma racionalização metódica da conduta do indivíduo.

Burocracia, racionalização e desencantamento do mundo

Para Weber, o que caracteriza o mundo ocidental é a tendência que esse possui à extrema racionalização de todas as esferas que compõe a vida social do indivíduo. Segundo o autor, a tendência a racionalização do mundo social se efetiva nas sociedades ocidentais com o desenvolvimento das organizações burocráticas.

De acordo com Weber, todo tipo de instituição social, seja ela pública ou privada, tenham objetivos idealistas ou materialistas, se estruturam e se organizam através da burocracia. Nesses casos, a burocracia pode ser compreendida como modo

de exercer dominação. A burocracia, pensando no próprio método weberiano, pode ser compreendida enquanto um tipo ideal de organização para a dominação racional/legal, que possui um grande poder, devido a sua imensa superioridade técnica.

A racionalização das esferas da vida social desempenha também, segundo o autor, a função de separar as questões relacionadas ao trabalho das questões afetivas, pois, estas (afetivas) são consideradas irracionais, pois, não são passíveis de previsão, de cálculo.

É fundamental compreender Weber como um autor de seu tempo, ou seja, a sua análise do contexto social da época, não destoa dos grandes intelectuais de seu tempo, isto é, ele percebe a predominância da racionalidade como umas das conseqüências da decadência da cultura.

Portanto, segundo weber, durante o desenvolvimento da modernidade no mundo ocidental, a racionalização das esferas da ação humana ocupou um papel central e, esse processo de racionalização da vida teve como uma de suas conseqüências aquilo que ele denomina de *“desencantamento do mundo”*.

Definir o conceito de *“desencantamento do mundo”* é uma tarefa muito complicada, pois, este aparece em vários momentos da obra de Weber. Como dito no começo deste artigo, essa reflexão pode pecar em alguns momentos devido a complexidade de toda a obra sociológica do autor, e de seus conceitos, e, em relação ao conceito de *“desencantamento do mundo”* não é diferente.

Uma das características que compõe o *“desencantamento do mundo”* é a perda da simplicidade original do ser humano. A humanidade em sua constituição original era entendida como um lugar sagrado, habitado pelo mágico, não havia explicações racionais para as questões da humanidade. Com o desenvolvimento da racionalidade através do desenvolvimento da ciência e da técnica, as explicações mágicas do mundo, foram sendo gradativamente substituídas pelas explicações racionais, estas amparadas pela “verdade” científica e tecnológica.

Assim, as compreensões mitológicas do mundo, através de deuses e seres não-humanos, foram perdendo gradativamente seu potencial de explicação mágico, e conseqüentemente foram substituídas pelo conhecimento científico, amparado pelo desenvolvimento das formas de organização racionais e burocráticas da vida.

Como dito antes, Weber desenvolveu um sociologia preocupada com a ação humana, e sendo assim, esse novo tipo de sociedade que foi constituindo-se, desenvolveu-se de tal modo que as ações humanas passaram a ser regidas pela extrema racionalização. O tipo de sociedade que estava desenvolvendo-se nesse momento no ocidente tinha como uma de suas exigências básicas a constituição de um Estado burocrático e extremamente organizado. E nesse novo cenário a figura do especialista ganha um espaço central.

O processo de “*desencantamento do mundo*” foi responsável por libertar o homem do poder da religião, onde ele se afastou do sagrado e se aproximou do mundo condicionado à explicação racional. É nesse contexto que a racionalização ganha espaço e transforma-se em um instrumento de poder, onde o homem acredita que apenas através da extrema racionalização de sua conduta, ele poderá dominar a sociedade e os outros homens, e nesse processo a técnica surge como aliado do mundo racional/burocrático.

Esse processo onde o mundo passa a ser compreendido como parte de um mecanismo controlado racionalmente é denominado por Weber de dominação racional burocrática. Esse tipo de denominação tem como um de seus efeitos a despersonalização do indivíduo. Durante esse processo de despersonalização do indivíduo, este passa a ser compreendido como coisa, e encontra-se diante de um dilema: viver tendo como referência a racionalização da vida, característica própria do sistema capitalista ou ceder as suas paixões?

São comuns as reflexões que compreendem o “*desencantamento do mundo*” como uma visão pessimista sobre a condição humana, e especialmente, sobre a relação humana com a liberdade. E é tendo esse tipo de crítica como fundamentação que faremos nossa análise sobre a educação.

Modernidade, Pós-modernidade e Educação

Max Weber foi um dos mais importantes pensadores do século XX e críticos da modernidade. Para ele, a modernidade é fruto do processo de racionalização do mundo ocidental, que teve início durante o fim do século XVIII. Esse processo de racionalização teve como uma de suas conseqüências a modernização da sociedade ocidental, e a “modernização” da cultura ocidental.

O desenvolvimento da modernidade tinha como uma de suas características fundamentais a relação direta com o desenvolvimento da razão e conseqüentemente com a utilização desta enquanto ferramenta do progresso.

Esse contexto é controverso, visto que, por um lado temos grandes avanços tecnológicos que facilitam a vida do homem moderno, porém, por outro lado, nos encontramos com grandes desgraças sociais, desastres ecológicos, guerras mundiais, etc.

Aquilo que conhecemos hoje como movimento Pós-Moderno é fruto do desenvolvimento racional moderno, onde o pensamento se desenvolve através de diversas linhas, o que dificulta a análise precisa de uma corrente de pensamento.

A Pós-Modernidade entra em questão nesse artigo, devido ao fato de os autores dessa corrente acreditar que nesse momento histórico denominado por eles de pós-modernidade, não existe mais a possibilidade de desenvolvimento das sociedades humanas, visto que, a maior parte desses autores é enfática ao dizer que o fim da modernidade traz consigo o fim da narrativa.

Para os autores dessa corrente teórica a supremacia da razão instrumental teve como conseqüência a não possibilidade auto-realização do homem. Portanto, enquanto a modernidade foi fundada no desenvolvimento da razão instrumental, a pós-modernidade, se desenvolveu por um caminho contrário, isto é, ao perceber que as metas da modernidade não se efetivaram, os pós-modernos, usam como estratégia para escapar dessa situação a negação da razão, trazendo a tona novamente aspectos que haviam sido negados durante o desenvolvimento da modernidade.

A modernidade foi um período histórico onde houve um privilégio do universal e do racional; e nesse período o positivismo, a ciência, a técnica, foram utilizados como instrumentos para o progresso da civilização ocidental. Em contraposição a isso, a pós-modernidade, privilegiava a diversidade, e esta, era entendida como uma possibilidade de libertar a cultura do caos em que esta se encontrava.

É diante dessas questões que devemos, enquanto educadores nos posicionarmos criticamente sobre a pós-modernidade, visto que, a suposta neutralidade do discurso pós-moderno é uma falácia. Isso pode ser percebido pelo tom neoliberal presente em alguns momentos do discurso pós-moderno.

É claro que não podemos relacionar a condição pós-moderna com o capitalismo tardio em uma relação de causa e consequência, porém, é inegável que existem várias esferas da crise da racionalidade no mundo capitalista contemporâneo que trazem consigo questões pós-modernas como, por exemplo, a morte da razão.

Portanto, diante da situação da vida cotidiana, da luta diária pela sobrevivência, a maior parte dos cidadãos não dá atenção necessária para o outro, e esse é um processo que conduz a sociedade ao desenvolvimento de seres humanos cada vez mais individualistas, e conjuntamente com isso, desenvolve-se o conformismo social e o sentimento de impotência perante a essas questões.

É diante dessa situação que a Educação deve desempenhar um papel central, para que os homens passem a se compreender enquanto sujeitos da história, produtores da história. Só assim é possível educar as gerações futuras para que estas não desviem do caminho proposto, como aconteceu com o projeto da modernidade. A educação nesse caso seria a responsável por possibilitar a superação dos conflitos existentes na própria proposta da modernidade, e partindo dessa resolução de conflitos é que a educação deve caminhar, tendo sempre em vista aquilo de positivo que foi conquistado pela humanidade e ao mesmo tempo possibilitando o desenvolvimento de novas condutas, tecnologias, ações, que facilitem a vida humana, sem por em risco o planeta e a própria espécie.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Alonso Bezerra de. **Educação e Liberdade em Max Weber**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. (Coleção fronteiras da **educação**)

_____. **Modernidade, ciência e educação**. Petrópolis, RJ; Vozes, 2005

QUINTANEIRO, T.e BARBOSA, M L de O. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

PIERUCCI, Antonio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber.** São Paulo: USP & Ed. 34, 2003.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito capitalista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.